



RELICI
**A RESISTÊNCIA FOUCAULTIANA INTERPRETADA A PARTIR DO
FILME BRASILEIRO A VIDA INVISÍVEL¹**

*THE FOUCAULDIAN RESISTANCE INTERPRETED FROM
THE BRAZILIAN FILM INVISIBLE LIFE*

Saulo Albert²

RESUMO

Este artigo possui o objetivo de analisar as relações de poder e as modalidades de resistência sócio-históricas atreladas ao assujeitamento feminino a partir da teoria de Michel Foucault e do filme brasileiro *A Vida Invisível*. Para tal, a metodologia utilizada é a revisão bibliográfica do filósofo a partir de uma comparação indutiva com a obra cinematográfica mencionada. O texto perpassa os conceitos de biopoder, biopolítica, disciplina, microfísica do poder, relações de poder e discurso de verdade para explicar como o indivíduo é o centro irradiador de poder e, consequentemente, a existência da possibilidade de se resistir ao regime de verdade apesar das sanções impostas. A história das protagonistas de *A Vida Invisível* exemplificaria algumas dessas ideias trabalhadas por Foucault por revelar, no contexto brasileiro, como o papel tradicional da mulher seria resultado das relações de poder na sociedade, resultando em diversos tipos de punição para aquelas que tentassem subverter a ordem vigente. O artigo conclui, também tomando como base a obra foucaultiana, que as revoluções socioculturais ocorrem a partir dos focos de resistência ao poder tido como verdadeiro.

Palavras-chave: resistência, microfísica do poder, Michel Foucault, *A Vida Invisível*.

ABSTRACT

This article aims to analyze the power relations and socio-historical forms of resistance linked to female subjection from the theory of Michel Foucault and the Brazilian film *Invisible Life*. To this end, the methodology used is the bibliographic review of the philosopher from an inductive comparison with the mentioned

¹ Recebido em 07/06/2022. Aprovado em 14/06/2022.

² Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. sauloalbert404@gmail.com



RELICI

41

cinematographic work. The text goes through the concepts of biopower, biopolitics, discipline, microphysics of power, power relations and truth discourse to explain how the individual is the radiating center of power and, consequently, the possibility of resisting the regime of truth despite sanctions imposed. The story of the protagonists of *Invisible Life* exemplifies some of these ideas worked by Foucault revealing, in the Brazilian context, how the traditional role of women is the result of power relations in society, resulting in different types of punishment for those who tries to subvert the order. The article concludes, also based on Foucauldian work, that sociocultural revolutions occur from the focuses of resistance to power considered true.

Keywords: resistance, microphysics of power, Michel Foucault, *Invisible Life*.

INTRODUÇÃO

Como as vidas das duas protagonistas retratadas no filme brasileiro *A Vida Invisível*, as quais refletem as realidades de muitas brasileiras ao decorrer da história, podem ser compreendidas a partir da teoria sobre biopoder e resistência desenvolvida pelo filósofo Michel Foucault?

Dirigido por Karim Aïnouz na forma de uma crítica sociopolítica à situação histórica das mulheres brasileiras, o filme *A Vida Invisível* (2019) melodramatiza as vidas de duas irmãs resistindo às redes de poderes conservadores e machistas nas quais elas estavam localizadas e inseridas durante a década de 1950 no Rio de Janeiro, explicitando “um retrato social sensível à discriminação e à opressão das mulheres” (ABRÃO, 2020, p. 10).

A obra cinematográfica é baseada no livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* de Martha Batalha que, após ter sido rejeitado no Brasil, foi publicado em uma feira de livros em Frankfurt, na Alemanha (DIAS, 2020, p. 52). A escolha do filme baseado no livro para a escrita deste trabalho (ao invés do próprio livro) se deu, entre os motivos, pelo caráter melodramático da obra audiovisual, importante para o manifesto moral e didático (RODRIGUES, 2020, p. 172) atrelado a uma crítica



RELICI

42

ao patriarcalismo brasileiro com bases europeias que é uma tese mais reforçada no filme que no livro (RODRIGUES, 2020, p. 170).

Retrato da nossa realidade sociohistórica, a obra fílmica foi alvo de polêmicas e censura (LEITÃO, 2019) no ano de seu lançamento, fato que demonstra ainda haver, décadas após o período no qual se passa *A Vida Invisível*³, tentativas reacionárias de manter as mulheres limitadas a certas posições de passividade e de silenciar denúncias a aspectos culturalmente estruturais de manutenção dessas relações de poder, o que pode ser compreendido foucaultianamente a partir da concepção de que o silêncio e o segredo dão guarida ao poder e fixam suas interdições (2019b, p. 110). Se uma obra cinematográfica de cunho melodramático (RODRIGUES, 2020, p. 159) e realista é considerada polêmica para alguns grupos sociais e, por isso, torna-se alvo de censura governamental, ela se torna um fato social relevante e passível de análise acadêmica.

O objetivo geral deste artigo, então, é analisar as vidas das irmãs protagonistas do filme nos seus contextos sociais, políticos e subjetivos a partir da obra de Michel Foucault – com destaque para os conceitos de “biopoder” e “resistência”. Para tal, será necessário primeiramente resumir algumas das ideias mais importantes do filósofo para o entendimento dessa obra cinematográfica a fim de ser possível compreender foucaultianamente as histórias contadas em *A Vida Invisível*.

O método de pesquisa engloba uma análise sociopolítica do filme, uma consulta ao material científico e acadêmico já produzido sobre essa obra, a revisão bibliográfica de algumas das obras mais importantes de Michel Foucault e o estabelecimento de um panorama comparativo entre as censuras sofridas pelas irmãs protagonistas na ficção e a censura governamental sofrida por *A Vida Invisível*.

³ Década de 1950 no Rio de Janeiro (RJ), Brasil.



RELICI

43

no Brasil. A elaboração do texto também demandou a utilização dos métodos indutivo e comparativo para concatenar os dados da pesquisa.

ONDE HÁ PODER, HÁ RESISTÊNCIA

Michel Foucault foi responsável por uma revolução epistemológica sobre o conceito de poder através das suas abordagens arqueológica, genealógica e ética. Começando essa análise pelo conceito de biopoder, Foucault o define como forma de estatização do homem como ser vivente, e a sua formação poderia ser compreendida ao nível dos mecanismos, das técnicas e das metodologias do poder (CASTRO, 2016, p. 57). O biopoder seria responsável, portanto, pela tentativa de se normalizar a sociedade através das tecnologias, mecanismos e metodologias da disciplina e da regulamentação.

Esse poder sobre o biológico, ou mesmo a disciplinarização individual, não consegue ser exercido sem a produção de um discurso que seja considerado verdadeiro, pois “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (FOUCAULT, 2010a, p. 22). O poder existe através dos discursos considerando que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (CASTRO, 2016, p. 120). É possível concluir que o poder liga o sujeito à verdade e esse discurso verdadeiro tem a função de ser formador de subjetividades.

Mas o que seria essa verdade? Ela seria, segundo Foucault, “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (2019a, p. 54). Essa conceituação entende que a verdade não seria absoluta ou metafísica, mas sim institucional e ligada a sistemas de poderes, existindo ao decorrer da história e em diferentes regiões alguns diversos regimes de verdade – “regimes de verdade” no plural, e não no singular, o que



RELICI

44

denota a institucionalização e a aceitação de diferentes concepções de verdade por diferentes grupos em diferentes períodos históricos.

Outra inovação epistemológica proposta por Foucault foi sugerir que o poder não irradia de cima para baixo, mas sim que ele transitaria entre os indivíduos.

[O poder] não é algo que se partilhe entre aqueles que o têm e que o detêm exclusivamente, e aqueles que não o têm e que são submetidos a ele. O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 2010a, p. 26).

Ou seja, o indivíduo não somente é um efeito do poder como também é seu centro de transmissão (FOUCAULT, 2019a, p. 285). O poder gera o indivíduo, mas o indivíduo também exerce o poder. Aqui, neste lugar teórico, é onde se torna possível incluir a resistência, pois se o poder atravessa e é constituído nos indivíduos e pelos indivíduos, existe a possibilidade de se resistir a esse poder. E o quão mais coletiva essa resistência for, maiores as chances de se alterar panoramas e realidades sociopolíticas. Foucault acredita que onde há poder também há resistência (FOUCAULT, 2019b, p. 104) e esses focos de resistência existiriam em toda a rede de poder.

O poder, então, para ser compreendido foucaultianamente, deve ser analisado através das suas micro relações, através das suas capilaridades ou das extremidades cada vez menos jurídicas do seu exercício (FOUCAULT, 2019a, p. 283).

[...] não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no



RELICI

45

ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos (FOUCAULT, 2019a, p. 282).

É através dessa concepção da microfísica do poder que é possível interpretar o filme *A Vida Invisível* como um reflexo de relações de poder que dizem respeito a toda a sociedade. Os dramas das irmãs protagonistas não estão atrelados somente a elas, mas também à sociedade brasileira da sua época – com reflexos ainda na atualidade. E as modalidades de resistência desenvolvidas por elas mostram que é possível, individualmente, lutar contra o poder dominante (apesar das consequências).

A história de Guida e a virgindade como proteção contra a corrupção

Uma jovem chamada Guida tenta convencer a sua irmã a lhe acobertar para que seus pais não descubram a sua furtiva saída noturna com a finalidade de encontrar um marinheiro grego, seu namorado. Guida acha que o seu pai, Manoel, é um português⁴ ignorante e conservador enquanto a sua irmã, Eurídice, possui uma visão mais respeitosa do pai – essas diferentes visões sobre a própria família contribuirão nos destinos divergentes que as duas irmãs trilharão.

Guida, pedida em casamento pelo seu namorado, foge para a Europa com o marinheiro grego e retorna grávida ao Rio de Janeiro em 14 de outubro de 1951 rejeitando o pai da criança que ficara no outro continente. A mãe recebe afetivamente sua filha, mas Manoel age de forma violenta, nega o filho “bastardo”, julga a filha que teria “se deixado levar por um impulso”, agride-a, afirma que Guida não possuía mais uma família, expulsa a filha de casa e mente afirmando que a sua irmã, Eurídice, não estaria mais no Brasil. A mãe tenta ir atrás da filha, mas seu

⁴ A escolha da nacionalidade portuguesa para o pai das protagonistas, que atua como representante do patriarcalismo no núcleo familiar, parece ser um lembrete de que a repressão social, moral e sexual sobre as mulheres, na sua modalidade brasileira, tem raízes europeias.



RELICI

46

esposo a intimida ameaçando-a da mesma sanção que impôs a Guida se ela fosse atrás da filha. Esse é o exemplo de um dos primeiros argumentos da tese proposta pelo filme de que “a estrutura social brasileira, sustentada no patriarcado, permitiu não só a invisibilidade social das mulheres [...], mas também demonstra que tais estruturas interferem nas suas relações pessoais, prejudicando suas vidas enquanto cidadãs no mundo [...]” (RODRIGUES, 2020, p. 160).

Sabemos que essa é uma situação clássica e que já ocorreu em incontáveis famílias brasileiras. Trata-se, portanto, de um fenômeno social não ficcional. Para interpretar a partir da teoria de Foucault essa relação de poder na qual a mulher grávida e não casada era potencialmente ostracizada, é necessário compreender o dispositivo de sexualidade:

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2019a, p. 364).

Nesta história, o posicionamento moral e filosófico intransigente de Manoel é resultado da rede de poderes na qual ele está inserido. Português conservador, atravessado por discursos católicos tradicionais, machistas, sexualmente moralistas e misóginos, ele apenas reproduziu o que institucionalmente e historicamente seria esperado de um patriarca viril de classe média no seu contexto.

Essa cultura de uma pureza sexual rigorosa, sob a qual as mulheres eram (e são) as mais oprimidas, já existia na antiguidade, mas alcançou os agrupamentos sociais brasileiros brancos e católicos do século XX devido à produção filosófica e teológica europeia do início da idade média, período no qual ganham importância, sob influência do asceticismo monástico, estudos sobre a pureza rigorosa do pensamento e sobre a virgindade (FOUCAULT, 2021, p. 65).



RELICI

47

O que Clemente faz valer aqui é o princípio, familiar aos filósofos, da “temperança”, com seus dois aspectos correlatos: por um lado, a mestria da alma sobre o corpo, que é uma prescrição natural, pois é da natureza da alma ser superior e da natureza do corpo ser inferior, como o indica o lugar do ventre, que é como o corpo do corpo (“é preciso dominar os prazeres bem como comandar como mestre o ventre e o que fica embaixo”); por outro lado, a reserva, a moderação com a qual é preciso satisfazer os apetites uma vez que nos tornamos seus mestres. Ele relaciona, muito logicamente, o adjetivo *aidoios*, vergonhoso, aplicado aos órgãos sexuais, ao substantivo *aidôs*, ao qual confere o sentido de reserva e de justa medida: “parece-me que, se esse órgão foi chamado de partes vergonhosas (*aidoion*), é sobretudo porque é preciso se servir desta parte do corpo com reserva (*aidôs*).” Tal reserva é, portanto, a regra que deve presidir o exercício da mestria da alma sobre o corpo (FOUCAULT, 2021, p. 54-55).

Esse discurso pôde ser sustentado como verdadeiro por vários séculos devido às redes de poder que nas macro e micro relações o reproduziam – exemplificado pelo pai que expulsa a filha grávida de casa, a qual será qualificada pejorativamente como uma mãe solteira pelo desrespeito dela a essa intimação moral, religiosa e cultural. Para a medievalidade religiosa e para a contemporaneidade tradicionalista, “a virgindade é um dom de Deus que oferece ao homem a possibilidade de se proteger contra a corrupção” (FOUCAULT, 2021, p. 212).

Expulsa de casa, Guida se muda para a periferia carioca e começa a trabalhar para juntar dinheiro e viajar para Viena com a finalidade de encontrar a sua irmã Eurídice (devido à informação enganosa transmitida por Manoel). Seu plano, entretanto, é frustrado porque a burocracia estatal da época não permitia facilmente que uma mãe solteira conseguisse a autorização para emitir um passaporte para o seu filho. Algum tempo depois, Guida, seu filho e sua amiga negra tentam ir comer em um restaurante da classe média e são barradas por um funcionário do estabelecimento. Nessas duas negativas, Guida mais uma vez sofreu as consequências de um poder que, manifestado através de diferentes pessoas,



RELICI

48

instituições e searas, sancionava-a por ser mãe solteira e pobre no Rio de Janeiro da década de 1950.

Para Foucault, o poder sobre a subjetivação sexual depende tanto da disciplina quanto da regulamentação (2010a, p. 212). Então, as tragédias que se abateram sobre a vida de Guida advindas de diferentes pessoas, da regulamentação do restaurante (o qual ela tentou acessar, mas foi barrada) e da legislação federal sobre a emissão de passaportes para menores de idade, exemplificam que o discurso verdadeiro de cada época sobre a sexualidade não depende somente dos desejos individuais, mas também das imposições culturais e institucionais sobre os sujeitos. Esses sujeitos, entretanto, não são totalmente passivos à regulamentação e à disciplina, pois se o poder também perpassa por eles, isso resulta em uma força de resistência, aqui exemplificada pela história de Guida que mesmo sancionada por poderes ao seu entorno, viveu uma vida de resistência. E é a partir de histórias como essa que mudanças nos panoramas sociais e culturais ocorrem.

A história de Eurídice e o princípio da desigualdade natural

De volta ao início da história, mas agora sob a perspectiva da irmã Eurídice, quando Guida tenta convencer a irmã a acobertá-la na saída com o marinheiro grego ela utiliza como argumento a tentativa de convencer o pai a permitir Eurídice a prestar o teste para o conservatório de Viena.

Eurídice é uma talentosa pianista, ama tocar e possui como maior sonho estudar em um conservatório de música. Porém, estando na posição feminina de filha obediente e respeitosa (o esperado de uma família de classe média conservadora da década de 1950), ela precisaria do aceite do seu pai. E mesmo nessa posição de sujeição, quando Guida critica o seu pai, Eurídice o defende.

A relação do poder sobre o indivíduo deve ser levada em consideração já que é uma modalidade de se utilizar a população como máquina para produzir riquezas, bens e outros indivíduos. O descobrimento da população



RELICI

49

é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram (CASTRO, 2016, p. 59).

O adestramento dos corpos na seara do biopoder tem como finalidade a manutenção de ordens sociais legitimadas pelo discurso considerado verdadeiro e/ou correto segundo a epistemologia de determinado tempo e local geográfico.

Diferente de Guida, Eurídice se posiciona socialmente e culturalmente mais adequada às demandas dos poderes que a circundam – por mais que subjetivamente os seus desejos destoem dos seus atos. Ela se casa sem (aparentemente) amar seu noivo; é estuprada na noite de núpcias; não querendo engravidar para conseguir prestar a prova do conservatório de Viana é desrespeitada pelo marido que a coloca em cima do seu próprio piano para penetrá-la e não ejacula fora dela como Eurídice havia solicitado; acaba engravidando; pensa em abortar, mas como o seu marido descobre a gravidez ela acaba desistindo.

[...] a direção cristã tem por alvo a renúncia à vontade. Ela repousa sobre o paradoxo de uma tenacidade em não querer. A submissão ao mestre que é seu instrumento indispensável jamais conduz ao ponto em que pode se estabelecer a soberania sobre si mesmo, mas ao ponto em que, despojado de todo domínio, o asceta só pode querer o que Deus quer (FOUCAULT, 2021, p. 168).

Alguns anos depois, enganada pela família sobre o que havia ocorrido com a sua irmã Guida, com a filha já nascida e a mãe falecida, ela é a responsável pela preparação dos pratos durante o Natal da sua pequena família enquanto o pai pode se entreter e brincar com a filha do casal. Depois da oração, todos aguardam silenciosamente e Eurídice nota que ela é intimada a servir os pratos de todos à mesa.

Por ter renunciado à própria vontade e se submetido aos poderes vigentes que demandavam dela uma performance de dona de casal tradicional, o mesmo pai



RELICI

50

que expulsara a filha grávida de casa beija Eurídice na bochecha e demonstra afetivamente a sua aprovação à filha.

A pianista frustrada, posteriormente, ensina a filha a usar o aspirador de pó reproduzindo a mesma lógica de poder na qual ela estava inserida. Aqui, pode-se aplicar a concepção de Foucault sobre ser esperado socialmente do sujeito a reprodução da ordem do mundo e não a sua produção (CASTRO, 2016, p. 45).

Para caracterizar não o seu mecanismo, mas sua intensidade e constância, poderia dizer que somos obrigados pelo poder a produzir a verdade, somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e recompensa-a. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas. Por outro lado, estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 2019a, p. 279).

Sem que o marido saiba, Eurídice decide prestar a prova de um conservatório e acaba conseguindo passar em primeiro lugar. Ao receber a notícia, ela fica extremamente feliz, diferentemente do seu marido que desaprova a esposa e a questiona se ele deveria largar o emprego e passar a cuidar da casa. Mesmo ela afirmando que não passará o dia inteiro no conservatório, o seu marido mantém uma postura raivosa e pede para que ela desapareça para aproveitar o seu sonho. Ao seguir com o seu desejo, então, Eurídice é sancionada pelo poder do seu marido sobre ela, poder esse que ele possui sobre Eurídice devido a um histórico milenar que coloca a mulher em uma posição política de inferioridade. Citando São João Crisóstomo, Foucault escreve:

Mas, em contrapartida, o laço do Cristo à Igreja serve de modelo a todo casamento: é a mesma obediência que deve ligar a mulher ao homem; a mesma preeminência dele sobre ela; a mesma tarefa de educação e a mesma aceitação do sacrifício para salvá-la. O laço matrimonial deve seu



RELICI

51

valor ao fato de reproduzir, à sua maneira, a forma de amor que liga, um ao outro, o Cristo e a Igreja (2021, p. 324).

Esse seria, segundo São João Crisóstomo (FOUCAULT, 2021, p. 324), o princípio da desigualdade natural que consiste na ideia de Deus ter criado a mulher para auxiliar o homem. Logo, o homem estaria destinado a comandar e a mulher a obedecer e a ser submissa. O homem também possuiria naturalmente o papel pedagógico de educar a sua mulher e formá-la nas virtudes para ser temperante, doce, modesta, honesta, humilde e cristã (FOUCAULT, 2021, p. 327).

Quando a amiga de Guida, Filomena, falece, a protagonista troca de identidade com ela de modo a, oficialmente, Guida constar como morta. Como Eurídice estava a sua procura, o detetive que ela havia contratado entra em contato avisando que havia encontrado o túmulo de Guida. A família se encontra com o detetive no cemitério e Manoel questiona sobre o filho de Guida – seu neto que ele qualificara como bastardo e nem chegou a conhecer. Neste momento, Eurídice, que ainda não sabia que Guida havia retornado da Europa e que tinha se tornado mãe, descobre que havia sido enganada pela família. Revoltada, no dia 19 de junho de 1958 ela ateia fogo aos objetos da irmã e ao seu próprio piano, simbolizando a irmã à música (RODRIGUES, 2020, p. 168). Diagnosticada com psicose maníaco-depressiva, Eurídice passa a ser medicada com o objetivo de tranquilizá-la, normalizá-la e resigná-la para retornar adequadamente ao seu papel de mãe, esposa e doméstica.

Entre as grandes políticas sobre o sexo que se desenvolveram na modernidade, duas delas foram a histerização do corpo da mulher e a psiquiatrização das perversões (CASTRO, 2016, p. 58). Isso significa que essa mulher moderna, de classe média e/ou alta, alvo de poderes conflitantes, sexualmente restritivos e de formação de subjetividades passivas, quando buscavam formas alternativas de realizar seus desejos exercendo poderes que não



RELICI

52

seriam adequados ao seu gênero, eram diagnosticadas patologicamente para que a medicina desse conta de as corrigir para conseguirem desempenhar os papéis designados a elas. “A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (FOUCAULT, 2010a, p. 212).

Nesse contexto, haveria Eurídice enlouquecido ou ela tinha apenas performatizado uma revolta proporcional à violência praticada contra ela? Se ela estava louca, a sua loucura poderia ser considerada uma forma de saber que, contrária às redes de poder nas quais estava inserida, levou-a a uma punição? “[...] a loucura fascina porque é um saber. É saber, de início, porque todas essas figuras absurdas são, na realidade, elementos de um saber difícil, fechado, esotérico” (FOUCAULT, 2019c, p. 20-21).

Desde a Idade Média, o discurso do louco não pode circular como o dos outros; seja porque não é reconhecido como admissível (na ordem jurídica, por exemplo), seja porque lhe atribuem poderes especiais (como voz da sabedoria ou da verdade escondida) (CASTRO, 2016, p. 119).

Em consonância com a teoria dos poderes de Michel Foucault, o filme aqui em análise revela, portanto, aspectos da genealogia da disciplina (CASTRO, 2016, p. 89). O indivíduo, vivendo em sociedade, sujeito às relações de poder, não é outra coisa senão o corpo assujeitado. Porém, isso não significa que esse indivíduo seja obrigado a viver exclusivamente nesse assujeitamento porque mesmo que este seja o objetivo das redes de poder, a resistência, apesar dos sancionamentos atrelados a ela, é possível conforme demonstrado pelas duas protagonistas de *A Vida Invisível*.

A lição do melodrama perante uma contemporaneidade neoconservadora

Como mencionado anteriormente, a construção do filme *A Vida Invisível* se deu a partir da utilização do subgênero melodrama, o que acentuou e intensificou,



RELICI

53

na obra cinematográfica, as críticas sociais da história das irmãs Eurídice e Guida em comparação com o livro. E essa escolha também foi importante para que o manifesto político associado ao filme obtivesse maior alcance e didatismo.

Com a consolidação do Estado burguês, a moral adotada neste contexto pós-sagrado precisava ser expandida para todas as camadas sociais e a arte desempenhou seu papel de difusora, adotando uma postura pedagógica. Por isso, o melodrama clássico gira sempre em torno de uma moral e sempre tem algo a ensinar aos espectadores (RODRIGUES, 2020, p. 172).

Se o melodrama clássico tinha a função de delimitar uma moral e difundi-la socialmente⁵, atualmente o subgênero foi reinventado e subverte noções sociais pré-estabelecidas em prol de uma potência política do ato artístico (RODRIGUES, 2020, p. 175). *A Vida Invisível* se enquadra nesse contexto, pois ele lança ao espectador os bastidores de um realismo cru e o desenvolve atraindo esse sujeito e fazendo-o criar empatia pelas protagonistas – sentimento de identificação esse maximizado por ainda respingar nas mulheres de hoje as marcas da história contada no filme (RODRIGUES, 2020, p. 173). É muito fácil, portanto, associar as trajetórias de Eurídice e Guida ao histórico de alguma familiar, de alguma conhecida, e notar que elementos da repressão e do patriarcalismo denunciados no filme ainda persistem na contemporaneidade, contribuindo com a internalização da tese narrativa.

Quando, em 2019, como um dos atos do desmonte cultural e do reacionarismo sexual, o Governo Federal retirou da Ancine (Agência Nacional do Cinema) os cartazes nos corredores do prédio da instituição e as referências no seu acervo online de *A Vida Invisível* (PINHO, 2020a, p. 1), filme que conquistara o prêmio da mostra “Um Certo Olhar” no Festival Cannes e que também fora exibido em outros festivais internacionais (SABBAGA, 2019), comprova-se a força, a

⁵ O melodrama clássico, surgido juntamente com a consolidação do estado burguês e com a abertura da era do biopoder (FOUCAULT, 2019b, p. 151), teria funcionado como uma das tecnologias desse biopoder que tornara mais acessível o poder normalizador. “Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (FOUCAULT, 2019b, p. 156).



RELICI

54

relevância e a contemporaneidade da mensagem política da obra cinematográfica censurada em um contexto que movimentos de direita e a própria Secretaria Especial da Cultura qualificam como “guerra cultural” (FREITAS; TARGINO; GRANATO, 2021, p. 229).

Outra forma de ataque do Governo Bolsonaro ao mundo artístico mais à esquerda e progressista, além do fim do ministério [da cultura], foi minar as instituições que também ofereciam fomento às políticas culturais. Um exemplo disso foi o corte de 43% do orçamento da Agência Nacional de Cinema (Ancine) associado aos argumentos, defendidos pelo governo, de que o poder público não deveria produzir filmes e que as produções da Ancine seriam contrárias aos valores da família, defendidos pelo Presidente Bolsonaro (FREITAS; TARGINO; GRANATO, 2021, p. 226).

Em um período histórico no qual a extrema direita, discursos de ódio, reacionarismos sexuais e comportamentais e intolerâncias de diversos gêneros vêm à tona, a denúncia do filme em questão se torna tão incômoda que ocasiona uma censura governamental. Aqui, passado e presente se mostram ainda próximos e relacionados, demonstrando a necessidade social do poder político e da pedagogia sentimental que o melodrama presente em *A Vida Invisível* transmite.

Se na história do filme as protagonistas estão sujeitas a uma série de restrições impostas pelas tecnologias do biopoder e da biopolítica, na atualidade as estratégias estatais de institucionalizar repressivamente a sexualidade feminina se repete através da adesão do Ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos à campanha “Eu Escolhi Esperar” que resultou em um projeto governamental de abstinência sexual (PINHO, 2020b) e em projetos de lei “escolhi esperar” (SOUTO, 2021).

Com mais de 1 milhão de pessoas inscritas pelo YouTube, e, respectivamente, 2 milhões e 3 milhões de seguidores pelo Instagram e Facebook, a campanha “Eu Escolhi Esperar”, iniciada na década de 2010 (JUNIOR, 2015, p. 17) pelos pastores Nelson Junior e Angela Cristina, é considerada um enorme sucesso do movimento contemporâneo evangélico de pureza sexual. Entretanto, a



RELICI

55

problemática dessa campanha relevante no contexto deste trabalho consiste no fato desse movimento neoconservador defender moralidades patriarcais que o movimento feminista combate há décadas, como a manutenção da virgindade pela mulher até o casamento como presente para os futuros cônjuges e filhos (JUNIOR, 2015, p. 118-119), a necessidade da aceitação de um relacionamento amoroso pela família (JUNIOR, 2015, p. 142) e pela igreja (JUNIOR, 2015, p. 140-141), a submissão por parte da mulher que deve considerar o seu marido como o cabeça do lar do casal e a manutenção dos cuidados do lar como tarefa primordial feminina (SILVA, 2022).

O Governo Federal, utilizando-se do biopoder e da biopolítica para institucionalizar papéis tradicionais de gênero como modalidades corretas de existência e censurando críticas contrárias a essa concepção, gera, consequentemente, a resistência daqueles que não se adequam a essa posição e que se sentem violentados fisicamente, psicologicamente ou simbolicamente por essas políticas reacionárias. A própria existência do filme *A Vida Invisível* e todo o movimento de defesa a essa obra e de ataque ao Governo Federal exemplificam essa resistência ao poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra cinematográfica *A vida invisível* se tornou tópico de debate público devido à sua polemização por parte alguns grupos conservadores e reacionários. Ao evidenciar aspectos das relações de poder que oprimem historicamente as mulheres e denunciar alguns dos papéis históricos do gênero feminino – expondo a possibilidade de se resistir a eles –, ficção e realidade se entrelaçaram pelo fato do filme, como forma de resistência, ser alvo de censura. Ou seja, décadas após a história-enredo do filme, as relações de poder e resistência envolvendo sexo e



RELICI

56

gênero exibidas no filme ainda estruturam alguns aspectos culturais e sociais no Brasil.

Compreendido que a biopolítica consiste em um poder difuso, espalhado por toda a sociedade, fazendo dos indivíduos focos difusores dessas relações de poder, é possível compreender que qualquer pessoa pode contribuir com a reprodução do regime de verdade vigente ou assumir um papel de resistência. O resistente, porventura, muito possivelmente será sancionado.

Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder (FOUCAULT, 2019b, p. 105).

Graças a mulheres como Eurídice e Guida – que optaram por utilizar dos mais diferentes mecanismos, tecnologias e metodologias para resistirem aos poderes que tentavam as assujeitarem – que revoluções sociais, culturais, epistemológicas e jurídicas como as ondas feministas foram possíveis. Conclui-se, portanto, que a alternativa ao poder que oprime é a resistência.

REFERÊNCIAS

A VIDA INVISÍVEL. Direção de Karim Aïnouz. Produção de Rodrigo Teixeira. Rio de Janeiro: Vitrine Filmes, 2019.

ABRÃO, Rachel Tomás dos Santos. Mulheres, trabalho não pago e sofrimento social no filme *A Vida Invisível* (2019). **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1879>>. Acesso em: 08 maio 2022.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.



RELICI

DIAS, Naide Silva. **Uma análise das protagonistas de *A vida invisível de Euridice Gusmão* e *Purple Hibiscus* sob as lentes do dialogismo e da crítica feminista**. 2020. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29153>. Acesso em: 05 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019c.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4**: as confissões da carne. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREITAS, Sara da Silva; TARGINO, Janine; GRANATO, Leonardo. A política cultural e o governo Bolsonaro. **Brasiliana**: journal for Brazilian studies. Londres. Vol. 10, n. 1 (2021), p. 219-239, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231672>>. Acesso em: 21 maio 2022.

JUNIOR, N. **Eu escolhi esperar**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

LEITÃO, Gustavo. Cancelado na ANCINE, "A vida invisível" leva 500 pessoas à sessão aberta na Cinelândia. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 dez. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/cancelado-na-ancine-vida-invisivel-leva-500-pessoas-sessao-aberta-na-cinelandia-24135963>>. Acesso em: 08 maio 2022.

PINHO, João Pedro. A Disputa dos "Comum's" em Bacurau: Aniquilação versus Articulação Local. In: Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia, 2020, São Leopoldo. **Anais de Resumos Expandidos**. São



RELICI

58

Leopoldo: PPGCC-Unisinos, 2020a, v. 1, n. 4, p. 1-7. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/download/1259/1139>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

PINHO, Márcio. Campanha de abstinência sexual contra gravidez precoce é lançada. **R7**. 03 fev. 2020b. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/campanha-de-abstinencia-sexual-contra-gravidez-precoce-e-lancada-03022020>>. Acesso em: 22 maio 2022.

RODRIGUES, Laís. Do literário ao fílmico: "A Vida Invisível" e a universalização do discurso a partir do uso do melodrama. *Cinestesia*, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 158-177, 10 set. 2020. Universidade de São Paulo, **Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA)**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2675-7265.v1i1p158-177>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SABBAGA, Julia. A Vida Invisível: vencedor em Cannes será exibido no Festival de Toronto. **Omelete**. [S.L.], 14 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/festival-de-toronto/a-vida-invisivel-vencedor-em-cannes-sera-exibido-no-festival-de-toronto>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SILVA, Bianca Fontes. **10 características que todo rapaz deve analisar em uma moça antes de iniciar um namoro**. 03 jun. 2022. Facebook: @euescolhiesperar. Disponível em: <https://www.facebook.com/euescolhiesperar/posts/pfbid0uy3CLPtAtKMdArGNu6NdYiBHLPGfhGrkH2ZKQcN3YtgHUGywLTrkXhKVNPsgvX8dl>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SOUTO, Luiza. Abstinência sexual: após visita de Damares, "escolhi esperar" chega à ALESP. **Universa**. 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/18/escolhi-esperar-chega-na-alesp-nao-trata-de-abstinencia-diz-deputada.htm>>. Acesso em: 22 maio 2022.